ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

Ver Para Crer, Tocar Para Ver

Ivana Dantas Rego[1]
Nelson Silva Junior[2]

RESUMO – Este trabalho relata a primeira exposição de Artes Visuais, totalmente voltada para pessoas cegas, realizada na cidade de Ponta Grossa, a partir do projeto intitulado Ver Para Crer, Tocar Para Ver, que deu o nome à exposição. Tendo a Arte, em especial a Arte Tátil, como instrumento principal de inclusão social, esta exposição possibilitou, para essas pessoas, um espaço para o exercício de seus direitos e uma perspectiva para futuras produções artísticas voltadas para um público específico. O projeto Ver Para Crer, Tocar Para Ver, teve como uma de suas diretrizes principais, a pesquisa sobre o uso da cor e da forma, para a produção de obra de arte tátil, dando condição à apreciação e fruição da Arte de forma plena pela pessoa cega. O projeto envolveu dois professores do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, dez acadêmicos do curso de Licenciatura em Artes Visuais e dois artistas locais. A partir de orientações de uma pessoa cega e estudos sobre a percepção sensorial de texturas, associadas a cores, o grupo desenvolveu 12 obras com temas ligados a cultura local. Os trabalhos foram expostos na Galeria de Arte PROEX, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que pela primeira vez adaptou seu espaço para receber pessoas cegas, em setembro de 2009.
.

PALAVRAS CHAVE – Arte, Arte Tátil, Exposição.

Introdução

O Projeto Ver para Crer, Tocar para Ver, que teve como foco as pessoas cegas, apresentou uma produção que permitiu a interação tátil entre o espectador e a obra. O mesmo não tinha a intenção de aproximar os cegos a uma normalização, mas sim de criar um ambiente que lhes desse condições de acesso a Arte, o mais semelhante possível à percepção, da forma e da cor, de pessoas videntes.

Segundo Emílio Figueira, na Antiguidade Pagã, as pessoas cegas estavam destinadas ao isolamento e ao abandono, sendo consideradas pessoas desprezíveis e inúteis para a sociedade. Os cegos desse período eram pessoas totalmente excluídas dessa sociedade. É na Idade Média que surge a primeira oportunidade para que as pessoas cegas encontrem o que Figueira (2003) chama de “uma posição no mundo”, quando surgem os cancioneiros, declamadores e jograis, artistas que se dedicam a uma arte centrada na fala e na canção. Esta é uma das primeiras manifestações que possibilitaram às pessoas cegas se organizarem enquanto profissionais e constituírem uma classe.

No Renascimento os cegos passam a ser tema para alguns dos grandes artistas da época e assim podemos encontrar na História das Artes Visuais, segundo Figueira (2003), obras como “Parábola dos Cegos” de Pieter Bruegel, na qual o pintor retrata um grupo de pessoas cegas caindo em uma vala; “O Tocador de Alaúde”, de La Tour e “Os Cegos de Jericó”, pintado por Nicolas Poussin, em 1651, onde o artista retrata Jesus curando dois cegos. Essa manifestações demonstram que a sociedade renascentista ainda via as pessoas cegas, como pessoas a margem dessa sociedade ou como executores de poucas atividades.

As artes, em especial a partir da música, representaram para as pessoas cegas, as primeiras oportunidades de inserção num mundo que as excluía. Nas Artes Visuais os cegos passaram de

[1] Mestre, professora colaboradora do Departamento de Artes, coordenadora do projeto, mcirego@uol.com.br
[2] Mestre, professor do Departamento de Artes, coordenador do projeto, nsj@uepg.br

tema à artistas, timidamente no século XIX e com maior intensidade a partir do final do século XX. Hoje vivemos um momento que discute não a Arte produzida por pessoas cegas, mas sim, a Arte produzida para pessoas cegas. É cada vez maior o número de artistas, professores de Arte e espaços como museus e galerias, voltados para as problematizações que envolvem uma exposição, na qual pessoas cegas possam participar como observadores e fruidores da Arte ali exposta.

Em sua maioria, temos testemunhado exposições que estão, prioritariamente, preocupadas em fazer com que o visitante possa "provar" das sensações que uma pessoa cega tem ao entrar em contato com uma escultura, uma pintura ou uma fotografia. Artistas como Eni D'Carvalho, com a exposição "Sentir e Agir" e Cristina Portela, com a exposição "Cores do Silêncio", têm, segundo as próprias artistas, buscado a quebra do paradigma "Não toque", comum em exposições de Artes Visuais. O trabalho dessas artistas tem reconhecimento internacional, destacando-se como pioneiros na Arte Tátil.

Objetivos

O projeto teve como objetivo principal, estabelecer uma produção pictórica, a partir do estudo sobre a percepção visual e tátil, voltada, especificamente, para pessoas cegas, acompanhada de uma infra-estrutura que atendesse as necessidades específicas desse grupo para a apreciação e fruição da Arte. Outros objetivos do projeto foram: propiciar a inclusão das pessoas cegas de Ponta Grossa e região no universo das Artes Plásticas da cidade; fomentar o estudo de novas técnicas e procedimentos da produção artística, no caso a pintura, voltadas para o público cego; promover a inserção de alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UEPG numa prática artística que privilegie a pessoa cega; levar, a partir das obras produzidas, o conhecimento da História da Arte, às pessoas cegas; incentivar a participação dos cegos, em eventos culturais; estimular as exposições tradicionais para que se voltem também ao público cego.

Metodologia

O projeto 'Ver Para Crer, Tocar Para Ver' iniciou em junho de 2009, com um grupo de acadêmicos e professores do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UEPG e alguns artistas locais, os quais se reuniram para produzir telas com pinturas texturizadas, voltadas para atender a população cega da cidade de Ponta Grossa. Para a execução do projeto foram selecionados 10 (dez) acadêmicos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, orientados por dois professores do curso, ambos coordenadores do projeto, bem como dois artistas da comunidade.

Esse grupo realizou um estudo sobre a percepção visual e a percepção tátil, tanto sobre pessoas que enxergam (videntes), bem como aquelas que não possuem nenhum tipo de visão (cegas). A partir desse estudo foram estabelecidos encontros periódicos para apresentação de casos, como das artistas Eni D'Carvalho, Cristina Portela e Aurora Valero; estudos sobre a cor e a sua relação com cegueira; a texturização como elemento sensorial para a pessoa cega e a infra-estrutura necessária para a exposição para cegos.

O aporte teórico foi dado por autores de cada área específica, como: Ligia Addunção Amaral, Kátia Regina Moreno Caiado, Marcos Mazzota, Lucia Helena Reilly, Emílio Figueira, João Ganzarolli, Fayga Ostrower, Donis A. Dondis, Ana Mae Barbosa, entre outros. Como linha pedagógica que orientou o trabalho de produção, adotou-se a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, que propõe a produção artística, a partir da contextualização, da fruição e do fazer artístico.

A primeira exposição realizada pelo projeto teve o seu tema extraído das discussões provenientes dos encontros de estudos do grupo. Para a confecção das obras foram utilizadas apenas seis cores: azul, amarelo, vermelho, verde, preto e branco e cada qual associada a um tipo de textura. Assim, a cor amarelo está associada à textura esférica do sagu; o vermelho ao plástico proveniente do corte de canudinhos de refrigerante; o verde à linhaça; o preto ao trigo; o azul à areia fina e o branco à própria tela, ou seja, ao tecido que serve de suporte.

As linhas dos desenhos foram destacadas dos planos que compõe a imagem, utilizando-se para tanto o cordonê, um tipo de barbante encerado, na cor preto, colado sobre as linhas do desenho. Os desenhos utilizados para ilustrar os temas tiveram suas linhas reduzidas ao máximo, apenas o

necessário para dar forma à imagem, pois, considerou-se que no processo de tatear a tela, muitas linhas iriam confundir a pessoa cega.

As telas tiveram uma dimensão de 40 cm X 50 cm, do tipo painel e a assinatura do artista foi colocada na superfície lateral da obra, feita em alto relevo. O título de cada obra foi escrito em Braille e também no alfabeto comum. Cada quadro foi acompanhado de uma legenda de cores, formada pela textura e o nome da cor em Braille. Para a exposição, diante de cada obra, foi colocado um piso sinalizador para facilitar a posição do observador.

Participaram do projeto, como artistas: Adriana Rodrigues Suarez, Ana Cláudia Bastiani, Carla Emilia Nascimento, Celso Parubocz, Delmy Kapp da Costa, Fabia Cruz Machado, Felipe Otoniel de Oliveira Martins, Gisele Mugnaine, Luzita Erichsen, Maria Beatriz Cordega, Paullo Ricardo Amarante, Viviane Aparecida Oliveira da Silva.



Foto 1 - Processo de Produção das Telas



Foto 2 - Processo de Produção das Telas

Resultados

A exposição, que foi aberta com uma palestra da filósofa e escritora baiana, cega, Marilza Matos, que prestou consultoria ao grupo, durante todo processo de elaboração das obras e da exposição, foi visitada por vários grupos de pessoas cegas. Para a maioria absoluta dessas pessoas, esta foi a primeira oportunidade que tiveram para “ver” uma exposição na qual o foco estava voltado para uma produção pictórica tátil.

Para os acadêmicos e professores envolvidos no projeto, este propiciou uma nova perspectiva metodológica para o ensino da Arte, em especial no ensino inclusivo. Hoje a totalidade da produção pictórica da região é voltada para exposições e visitantes que podem “ver com os olhos”; a partir do projeto “Ver Para Crer, Tocar Para Ver” uma profunda reflexão foi instaurada no meio acadêmico sobre o papel do professor e do produtor de Arte. Conceitos básicos como a cor, a linha, a perspectiva e outros que fazem parte da Linguagem Visual passaram a ser repensados, reelaborados e mesmo reconceituados, pelas pessoas envolvidas no projeto, tenham sido estas, produtores das obras ou visitantes da exposição.

Com o projeto 'Ver Para Crer, Tocar Para Ver' pretende-se fomentar a produção cultural voltada para pessoas com algum tipo de deficiência. A partir da interação com outras manifestações artístico-culturais produzidas na cidade, como a dança com pessoas surdas, o teatro com pessoas mudas, pode-se a partir de tais atividades, criar-se, por exemplo, uma Mostra Cultural específica para pessoas com algum tipo de deficiência sensorial. Aliados ao projeto, pode-se desenvolver ações como palestras, oficinas, workshops, para pessoas que pretendam ampliar ações contempladas no projeto, não somente na cidade de Ponta Grossa, mas também na região dos Campos Gerais.



Foto 3 - Obra em exposição



Foto 4 - Visitante

Conclusões

A criação e implantação de um projeto de Arte voltado para as pessoas cegas, que tem como foco uma produção que permita a interação tátil entre o espectador e a obra, trouxe, para essas pessoas, uma nova realidade: a participação efetiva em um evento destinado, exclusivamente, para pessoas cegas. Em Ponta Grossa, os poucos registros que se têm sobre eventos e exposições envolvendo pessoas cegas, eram, na sua totalidade, exposições e eventos de produções feitas por cegos, ou ainda, atividades sensoriais, nas quais as pessoas simulam a cegueira, tentando vivenciar a experiência de ser cego.

Tanto em um caso, como em outro, o que temos são situações nas quais o cego é privado de conhecer e reconhecer a Arte a partir da sua perspectiva. Assim, deixávamos à margem, todo um grupo que, por não dispor da capacidade visual, era também privado das emoções que uma obra de arte pictórica pode provocar nos seres humanos, não considerando que a fruição artística também pode ser auditiva, olfativa, degustativa e principalmente tátil.

A partir do momento em que um grupo formado por professores e acadêmicos de um curso de Artes Visuais, passou a refletir sobre a percepção pictórica por parte de pessoas cegas e produzir para essas pessoas, diferentes possibilidades se abrem para os cegos: conhecer obras que fazem parte do patrimônio histórico-cultural do homem, a partir de reproduções feitas com este objetivo; vivenciar o fenômeno da cor, a partir de relações entre cores e texturas; sentir a sensação de pertencimento a novos grupos, como aqueles que freqüentam exposições e galerias de Arte.

Por ser Ponta Grossa, a principal cidade da Região dos Campos Gerais, uma região do Paraná que abriga mais de meio milhão de pessoas, o projeto tem uma perspectiva de abrangência muito significativa quanto ao número de pessoas, direta ou indiretamente, envolvidas com o tema. Em Ponta Grossa, segundo a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Visuais, APADEVI, o número de cegos, é de aproximadamente 300 pessoas. O projeto “Ver Para Crer, Tocar Para Ver” tem na Arte um forte instrumento de inclusão social, capaz de disseminar valores e conscientizar o homem e a sociedade sobre a necessidade da adoção de atitudes e posturas mais significativas na busca da cidadania para grupos como o de cegos, possibilitando que iniciativas como esta leve-os ao exercício de suas habilidades, suas competências e acima de tudo, seus direitos, para a garantia da qualidade de vida e plena cidadania.

Referencias

AMARAL, Ligia Assunção. **Conhecendo a deficiência**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: adaptações curriculares. Secretaria de Educação especial. Brasília: MEC, SEF, SEESP, 1998.

CAIADO, Kátia Regina Moreno. **Aluno deficiente visual na escola**: lembranças e depoimentos. São Paulo: Autores Associados, 2004.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. CAMARGO, J.L. (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FIGUEIRA, Emílio. **A presença da pessoa com deficiência visual nas Artes**. São Paulo: USP-SP, 2003.

GANZAROLLI, João Vicente. **Do essencial invisível: arte e beleza entre os cegos**. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2002.

MAZZOTA, Marcos. **Educação Especial no Brasil**: história e políticas educacionais. São Paulo: Ed. Santos, 2003.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1996.

REILY, Lucia Helena. **Escola Inclusiva**: linguagem e mediação. São Paulo: Papirus, 2004.

ROCHA, H, GONÇALVES, E. **Ensaio sobre a problemática da cegueira**. Belo Horizonte: Fundação Hilton Rocha, 1997.